

política



Repórter Brasília Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Petróleo em alta, estratégia em falta

O Brasil entra em 2026 com uma combinação poderosa nas mãos: o agronegócio segue batendo recordes e o petróleo brasileiro ganha espaço no mercado internacional, impulsionado pelas tensões no Oriente Médio. É uma oportunidade rara e perigosa. Rara pela força simultânea em dois setores estratégicos. Perigosa porque o País já desperdiçou momentos assim antes.

Força global, visão curta

O Brasil se consolida hoje como um dos pilares da segurança alimentar e energética do mundo. Exporta carne, grãos e petróleo com competitividade crescente. Mas ainda carrega um velho problema: vende muito e transforma pouco. Produz riqueza, mas não a converte na mesma proporção em desenvolvimento interno, emprego qualificado e indústria forte. O deputado federal gaúcho Ubiratan Sanderson (PL, foto) chama atenção para esse ponto central. Para ele, “o Brasil vive uma chance única, mas corre o risco de repetir o erro histórico de exportar matéria-prima e importar valor agregado. Um ciclo conhecido e limitador”.



Agro forte, dependência perigosa

No campo, os números impressionam. A produção de carnes se mantém elevada, com destaque para frango e suíno, que avançam em ritmo consistente. O Brasil ganha espaço justamente quando concorrentes enfrentam crises sanitárias. É uma vantagem competitiva clara.

Carne começa desacelerar

Mas nem tudo é estabilidade. A carne bovina começa a desacelerar, pressionada por restrições da China. O recado é direto: depender de um único grande comprador é fragilidade, não estratégia. Diversificar mercados deixou de ser discurso, virou urgência.

Energia em expansão, valor perdido

No petróleo, o cenário também é favorável. As exportações dispararam e o Brasil bate recordes de produção. A demanda internacional cresce especialmente na Ásia, em meio à instabilidade global. O problema é estrutural: o País ainda exporta óleo bruto e importa derivados. Falta refino, falta integração industrial, falta estratégia. Resultado: perde valor naquilo que mais produz.

Chega de ciclo curto

Sanderson vai além ao defender um caminho claro: “fortalecer a agroindústria, expandir o refino, investir em infraestrutura e garantir segurança jurídica não é apenas uma pauta econômica. É uma escolha de modelo de País, ou se agrega valor, ou se perpetua a dependência.

O risco de sempre

O Brasil conhece bem esse roteiro. Cresce quando o mundo precisa, exporta quando os preços sobem, mas recua quando falta planejamento. É o País que lidera na produção e hesita na transformação.

Hora da virada ou repetição

O momento é decisivo. O País tem escala, mercado e protagonismo. O que falta é direção. Se transformar essa força em estratégia, pode dar um salto real de desenvolvimento. Senão, seguirá no velho padrão: rico em recursos, pobre em resultados. E oportunidades assim, quando passam, dificilmente voltam no mesmo tamanho. Como diz o ditado gaúcho: “Cavalo encilhado, não passa duas vezes”.

Brasil pode ser líder na

Entrevista Especial

Marcus Meneghetti
marcusv@jcrs.com.br

Uma das referências mundiais na pesquisa das mudanças climáticas, o cientista Carlos Nobre acredita que o Brasil tem condições de ser um líder global na redução das emissões de gases do efeito estufa e na transição energética dos combustíveis fósseis para as energias renováveis. “Se o País zerar o desmatamento - principalmente na Amazônia e no Cerrado -, isso deve diminuir até 45% das emissões do Brasil”, projeta.

Além disso, as fontes de energia limpa são abundantes no território brasileiro, com destaque à geração eólica e fotovoltaica. Segundo Nobre, o Brasil produz 70% dos materiais utilizados na energia eólica, mas importa praticamente todos os painéis fotovoltaicos para a energia solar. A solução seriam acordos comerciais com a China para trazer as fábricas ao Brasil, assim como o dragão asiático fez com a maior fábrica de carros elétricos, a BYD - que instalou uma planta na Bahia.

Ele também comentou que a redução de emissões de gases poluentes na atmosfera deve aumentar de dois a quatro anos a expectativa de vida da população urbana no mundo. Além disso, pode evitar a morte de cerca de 7 milhões de pessoas por ano no planeta.

Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, Nobre também avaliou que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ao voltar a investir em combustíveis fósseis, deve gerar retrocessos no processo de transição energética em nível global. O cientista brasileiro revelou ainda que ficou decepcionado com a China na COP30 de Belém, porque os chineses apresentaram uma meta de apenas 10% de redução das emissões de gases do efeito estufa até 2035. Além disso, comentou a nomeação para ser conselheiro do Papa Leão XIV em assuntos ambientais.

Jornal do Comércio - O senhor esteve na COP 30 realizada em Belém, que foi um momento importante para o Brasil e o mundo no quesito ambiental. Qual a sua avaliação?

Carlos Nobre - Houve alguns aspectos bem positivos. Simbolicamente, foi a primeira vez que a COP reconheceu e valorizou os po-

vos quilombolas. Isso foi colocado na declaração final. Essa COP também avançou bastante na questão de adaptação, criando um setor no conselho (Conselho Científico sobre o Clima) para monitorar todas as necessidades de adaptação de todo mundo. Além disso, todos os países concordaram não só em formar um fundo para acelerar a adaptação (às mudanças climáticas), mas também concordaram que esse fundo tem que ser de, pelo menos, US\$ 300 bilhões por ano. O problema é que, até agora, as doações foram pequenas.

JC - Apesar dos avanços, alguns ativistas ficaram frustrados com o resultado. A COP deixou a desejar em algum aspecto?

Nobre - Onde a COP30 não avançou? O Brasil levou duas coisas muito importantes ao evento, os chamados “mapas do caminho”. Um deles previa zerar o desmatamento de todos os biomas do mundo, principalmente das florestas tropicais, até 2030. Ao mesmo tempo, acelerar a regeneração dos biomas degradados. Como a COP precisa de consenso, essa medida não passou...

JC - E qual foi o segundo ponto sem encaminhamento?

Nobre - O mais preocupante foi que não houve consenso para a redução do uso de combustíveis fósseis. A meta era zerar rapidamente o uso de combustíveis fósseis, visto que representam 75% das emissões dos gases de efeito estufa. Só que, até 2025, houve aumento no uso dessa matriz energética. Então, a COP30 não teve avanços em pontos importantes, ainda que o embaixador André Corrêa do Lago tenha deixado muito claro que isso seria muito importante para avançar nos mapas do caminho.

JC - Uma das primeiras coisas que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, fez, ao as-

sumir a Casa Branca, foi revogar o pacote de transição energética aprovado durante a gestão do ex-presidente Joe Biden. Além de cortar os investimentos em energia limpa, o governo Trump tem investido nos combustíveis fósseis, com diversos projetos de extração de petróleo no Alasca e outros lugares. Na medida em que a maior economia global volta a investir em combustível fóssil, isso gera um retrocesso no resto do mundo?

Nobre - É um retrocesso enorme, porque, historicamente, os Estados Unidos foram o país que mais emitiu gás de efeito estufa. De 1850 até o presente, 25% das emissões de gás de efeito estufa foram emitidas de lá. Na época do presidente Biden, e antes até, durante a gestão do presidente Barack Obama, os Estados Unidos tinham a meta de reduzir alguns pontos percentuais das emissões anuais. Isso aconteceria, principalmente, através da diminuição do uso de combustíveis fósseis. O presidente Obama, mas principalmente o presidente Biden, criou mecanismos para acelerar a transição energética. Eles criaram um fundo público de US\$ 4 bilhões ou US\$ 5 bilhões para acelerar a transição energética.

JC - Isso foi revogado pelo presidente Trump...

Nobre - No seu primeiro mandato (2017-2021), esse novo presidente já tinha sido negacionista, já tinha saído do Acordo de Paris. Agora ele fez de novo. E as emissões aumentaram 2,5% nos Estados Unidos em 2025 em relação a 2024. Em um discurso no Fórum Econômico Mundial, na cidade de Davos, ele falou com todo orgulho que tinha aumentado o consumo de petróleo em 830 mil barris por dia nos Estados Unidos. E também falou dos planos de aumentar a produção de gás natural, a



“O Brasil tem um enorme potencial para acelerar muito rapidamente a transição energética”